E a Pediatria cresce

"O homem é fundamentalmente desejo de ser."
Jean Paul Sartre

A preocupação com o cuidado de crianças, especialmente aquelas muito pequenas, é tão antiga quanto a humanidade, mas a Pediatria como especialidade médica só apareceu por volta do final do século XIX (1). Neste contexto, a história da Pediatria segue a história da Medicina, que vai do empirismo à prática de métodos diagnósticos e terapêuticos cada vez mais sofisticados.

O que distinguirá basicamente a Pediatria das outras áreas médicas é a noção de que o corpo da criança está em crescente desenvolvimento e, portanto, em progressiva modificação (1). Pereira o descreve como "em processo de ser"(1).

O primeiro manuscrito referente à Pediatria foi escrito por Soranus de Ephesus, na Grécia, no século II: um dos mais eminentes, eruditos e críticos escritores médicos da época. Seus livros influenciaram a prática neonatal durante mais de 1.500 anos. Este autor descreveu a base racional para a reanimação do recém-nascido, a meningite neonatal, a repercussão da ingestão de álcool pela nutriz sobre o comportamento infantil, além da diferenciação entre hidrocefalia e macrocefalia (2).

As mais consistentes referências científicas relacionadas às peculiaridades das doenças da infância e adolescência só apareceram no século XX e versavam basicamente sobre determinação dos padrões de normalidade, das especificidades tanto dos diagnósticos quanto das respostas terapêuticas (1).

Atualmente, a pediatria é alvo de interesse de diversas publicações, que variam desde a segurança com técnicas milenares como a acupuntura (3) à medicina translacional (4), ocupando espaço também em revistas não exclusivamente pediátricas (5).

No Brasil, entre os anos de 1990 a 2004 houve a publicação de 7.222 artigos pediátricos (MEDLINE), sendo observado um aumento de cinco vezes no número absoluto de publicações durante o período de estudo (6)

Desde a metade dos anos 1990, nos Estados Unidos, a pesquisa envolvendo crianças saudáveis como sujeitos de estudo vem conquistando espaço harmonizado tanto por regras governamentais de proteção à criança e ao adolescente quanto pela autorização dos pais e/ou responsáveis (7).

Neste primeiro número do ano da Revista da AMRIGS, nove dos dez artigos originais e um dos três relatos de caso envolvem a faixa etária fetal-pediátrica, sendo estes responsáveis por aproximadamente 78% do material publicado. Enfocam-se os fatores de risco relacionados à mortalidade fetal, a triagem neonatal, a nutrição em escolares, as doenças sexualmente transmissíveis e a gestação na adolescência – a saúde no seu mais amplo sentido de olhar para o futuro adulto que aos poucos se apresenta.

Qual o grande interesse dos estudiosos na população pediátrica? A noção cada vez mais consistente de que "a criança não é um adulto pequeno"? A maior expectativa de vida: 75,4 anos/2045-2050 (8)? O conhecimento recente de que há doenças do adulto que se originam a partir de alterações na vida fetal (5)?

Talvez todos estes fatores focados no desejo de uma vida com qualidade, onde não há o simples contentamento com o estar, mas com o poder participar – poder ser! Ser conhecedor dos riscos, antecipar as adversidades muito cedo na vida, para assim poder agregar, ao ser medicamente saudável, o ser antropológico e filosófico com saúde.

Sandra Maria Gonçalves Vieira
Editora Associada – Revista da AMRIGS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Pereira JS. História da pediatria no Brasil de final do século XIX a meados do século XX. Tese de Doutorado.Orientadora: Figueredo BG. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. 2006: 1-206.
2. Raju TNK. Soranus of Ephesus and his insigth into perinatal neurology. Pediatric Research 1996;39:380.
3. Adams A, Cheng F, Jou H, Aung S, Yasui Y, Yoha S. The safety of pediatric acupuncture: a systematic review. Pediatrics 2011,128(6):1575-1587.
4. Brisson AR, Matsui D, Rieder MJ, Fraser DD. Translational research in pediatrics: tissue sampling and biobanking. Pediatrics 2012;129(1):153-162.
5. Koletzko B, Symonds ME, Oslen SF et al. Programing research: where are we and where do we go from here? Am J Clin Nutr 2011;94(6 Suppl):20365-20435.
6. Blank D, Rosa LO,Gurgel RQ, Goldani MZ. Brazilian knowledge production in the field of child and adolescent health. J Pediatr (Rio J);2006:82(2):97-102.
7. Coleman DL.The legal ethics of pediatric research. Duke Law J 2007;57(3):517-624.
8. http://earthtrends.wri.org/text/population-health/variable-379.html. Acesso:17/03/2012.